



Luís Mira Amaral
- Engenheiro e Economista
- Membro do Conselho Geral da Ordem dos Economistas, membro nº 14155

A Inflação e o Pacote de Estímulos Americano

E Ordem dos Economistas

Publicações Ordem dos Economistas

A Inflação e o Pacote de Estímulos Americano.

Por Luís Mira Amaral, membro nº 14155 da Ordem dos Economistas

1. A recuperação económica e os pacotes de apoio à economia

Depois do pacote de apoios de Trump, à volta de 4 triliões de dólares, tivemos agora um novo pacote de Biden de 1.9 triliões de dólares, já aprovado, e já se fala dum novo entre 2 e 3 triliões de dólares para apoio à revitalização das infraestruturas americanas. Este pacote será financiado em parte através da subida dos impostos às empresas de 21 para 28% e noutra parte através de endividamento público.

A dimensão dos apoios e a rapidez na sua implementação contrastam com a lentidão com que na União Europeia(UE) se tenta implementar o pacote de 750 mil milhões de euros do "Next Generation EU". Vantagens da União Política americana que tem com um governo federal uma grande capacidade de decisão e de execução, que contrasta com a actual União Europeia, sem um governo central, apenas uma Comissão com processos de decisão partilhados com todos os Estados membros.

Também em termos de vacinação, o contraste é impressionante. Os EUA já terão vacinado cerca de 38% da sua população adulta, contra 58% no Reino Unido e apenas 14% na UE, sendo esta vítima evidente dos erros da Comissão Europeia na gestão dos contratos com as empresas produtoras de vacinas. Tal não pode deixar de ter consequências nos processos de recuperação económica, sabendo-se quão importante é a dimensão da vacinação para se atingir a imunidade de grupo, implementar o desconfinamento e gerar confiança nos agentes económicos.



2 - O dilema dos bancos centrais e as taxas de juro

Os estímulos orçamentais nos EUA já levaram à subida das taxas de juro, antecipando receios do surgimento de tensões inflacionistas, não só nos EUA mas também na economia mundial.

Os bancos centrais, designadamente a FED e o BCE, enfrentam agora o dilema típico: se endurecerem a política monetária prematuramente podem fazer abortar a retoma económica que se perspectiva; mas se forem lentos a reagir a um surto inflacionista sustentado terão depois dificuldades em controlar o processo. A FED entende que se está perante uma subida temporária dos preços, não se tendo um surto significativo da inflação, e sinalizou que vai acomodar esse disparo transitório dos preços não mudando a sua política monetária, enquanto não se atingir o pleno emprego e a plena recuperação económica num momento em que a utilização da capacidade instalada na economia americana ainda é baixa e o desemprego significativo. A FED está assim a dizer aos mercados para acreditarem que será paciente, até porque as subidas nos níveis da “yields” ainda são relativamente modestas face às perspectivas de forte recuperação económica. Mas se as coisas corressem mal nos EUA, estes ficariam com três problemas: endividamento federal muito elevado, um surto inflacionista e um Banco Central pouco credível. Mas correndo bem, os EUA evitarão a situação de baixíssima inflação e de crescimento anémico com que o Japão e a Europa se confrontam.